

A ADAPTAÇÃO DE CEM ANOS DE SOLIDÃO NA NETFLIX

De um dia para o outro, Macondo deixou de ser apenas um vilarejo de papel, empoeirado nas estantes dos leitores latino-americanos, para invadir telas 4K, listas de “Top 10 da semana” e grupos de WhatsApp onde, até ontem, só se discutia reality show e final de campeonato.

Foi assim que Aurelianos e José Arcádios viraram figurinhas animadas, GIFs circulando em silêncio desesperado entre pessoas que jamais tinham passado da página 50 de um romance na vida. De repente, aquele livro que muitos encaravam com respeito reverente — e uma pontinha de culpa — virou algo que se “maratona” num fim de semana chuvoso, com pipoca, celular na mão e notificação pulando toda hora.

Houve quem vibrasse: finalmente, diziam, “o povo” conheceria a obra-prima do realismo mágico, agora com legendas, dublagem e skip intro. Houve também quem torcesse o nariz, como se qualquer adaptação fosse, por definição, uma traição — uma espécie de adultério cultural cometido contra a sacralidade do texto. Entre um extremo e outro, o mundo seguia seu curso: alguém apertava o play, o logo vermelho surgia, e um vento de borboletas imaginárias atravessava a sala.

Na casa de um certo leitor veterano, o livro estava há anos numa mesma prateleira, ligeiramente gasto nas bordas, cheirando àquele misto de papel antigo e memória. Ele o havia lido na juventude, em noites em que o realismo mágico parecia menos uma escola literária e mais uma forma de descrever sua própria vida: um país que repetia golpes, crises e esperanças como quem repete nomes de batismo. Para ele, Macondo nunca foi apenas a aldeia ficcional dos Buendía; era uma espécie de espelho fumê da América Latina, onde tudo se via, mas nada se enxergava por completo.

Quando soube da série, ele sentiu um incômodo discreto, desses que não doem, mas coçam o pensamento. Não era ciúme, exatamente. Era medo de que aquela experiência íntima — ler Cem Anos de Solidão pela primeira vez, meio perdido no emaranhado de gerações, sublinhando passagens sem entender direito por que o faziam tremer — se tornasse apenas mais um produto de catálogo, recomendado pelo algoritmo entre um thriller nórdico e uma comédia romântica de Natal.

Ainda assim, numa noite qualquer, depois do jantar, ele cedeu. Pegou o controle remoto, respirou fundo como quem se prepara para rever um velho amor que, agora, virou celebridade, e apertou o play. Na tela, a pobreza e o barro ganhavam textura,

a umidade parecia subir do chão da sala, e os rostos dos personagens iam tomando forma. Úrsula não era mais apenas um vulto poderoso na imaginação: tinha rosto, voz, rugas, respiração. José Arcadio Buendía deixava de ser só um nome repetido no papel; virava corpo, peso, gesto. De repente, tudo aquilo que era da ordem do indizível começava a ganhar carne.

Enquanto as imagens corriam, ele se perguntava o que, afinal, se perde e o que se ganha quando um livro assim atravessa a fronteira do papel. A literatura sempre foi a arte de confiar no leitor: confia-se que ele fará o esforço de imaginar, de preencher lacunas, de aceitar que o absurdo e o cotidiano podem caminhar de mãos dadas sem pedir desculpas um ao outro. A série, por sua vez, parece dizer: “Deixa comigo, eu te mostro”. Onde antes havia neblina, agora há cenário; onde havia sugestão, agora há enquadramento.

Mas havia algo curioso acontecendo ali. Em vez de estragar o mistério, as imagens pareciam acender memórias esquecidas. Certas cenas funcionavam como chaves para portas que o tempo já tinha trancado. Ele se lembrava de como foi ler aquele trecho específico no livro — em qual cidade morava, que música tocava ao fundo, de que amores se despedira naquela época. A série não estava substituindo o romance; estava convocando uma espécie de palimpsesto afetivo, onde uma obra se inscrevia sobre a outra, sem apagá-la.

No grupo de família, o sobrinho mais novo escrevia: — Tio, você já viu? É muito louco, parece que tudo é metáfora e, ao mesmo tempo, é tudo literal.

Ele sorriu. Era exatamente essa a sensação que tivera aos vinte e poucos anos, quando mergulhou naquelas páginas sem qualquer manual de instruções. A diferença é que, naquela época, não havia internet para lhe dizer o que pensar nem vídeos explicando “Cem Anos de Solidão em 10 minutos”. Havia apenas o desconforto fértil de não entender tudo — e, ainda assim, continuar lendo.

Hoje, ao contrário, a série estreava e, na mesma hora, surgiam listas de “10 metáforas que você perdeu”, threads explicando o que “na verdade” significava aquele personagem, análises apressadas tentando dobrar o romance inteiro dentro de categorias prontas: patriarcado, colonialismo, ditaduras, trauma histórico. Tudo isso estava lá, é claro, mas também havia algo que escorria por entre os dedos de qualquer síntese. Macondo, afinal, nunca coube totalmente em diagnósticos.

Enquanto avançava os episódios, ele reparava que alguns amigos se dividiam em trincheiras. Havia os “convertidos” da série, que comentavam a fotografia, a trilha sonora, a coragem de levar aos olhos do mundo uma obra latino-americana sem tradução para o inglês na boca dos personagens. Havia os “puristas”, que mal disfarçavam o desprezo: “Quem não leu o livro não entendeu nada”. E havia um grupo silencioso, talvez o mais interessante, formado pelos que assistiram, se

comoveram, e agora andavam pela cidade com um exemplar novo do romance debaixo do braço, como se tivessem encontrado uma pista e quisessem perseguir a fonte.

Ele pensou que, de certo modo, o próprio García Márquez estaria sorrindo desse espetáculo. O escritor que, por tanto tempo, foi transformado em ícone — rosto em camiseta, busto em praça, nome de escola — agora voltava a circular em forma de série, fragmentado em episódios, com botão de pular introdução e algoritmo medindo retenção de público. O mundo muda, a indústria muda, mas a estranha força de certas histórias persiste: elas encontram um jeito de se infiltrar nos formatos do momento, como água que ocupa qualquer fresta.

Talvez a questão não seja se a série é “fiel” ao livro — porque fidelidade absoluta seria, paradoxalmente, a maior das infidelidades. Um romance como Cem Anos de Solidão vive do que não cabe na imagem: das intenções, dos silêncios, do peso dos sobrenomes repetidos, da sensação de que o tempo corre em espiral, não em linha reta. Ao tentar traduzir isso para a tela, qualquer diretor precisa cometer heresias: condensar, cortar, escolher. E, no entanto, se a heresia é inteligente, ela se torna uma forma de devoção.

Naquela noite, quando assistiu o último episódio, a sala ficou mergulhada num silêncio de pós-festa. Ele desligou a TV e, antes de ir dormir, esticou o braço até a estante. Pegou o velho exemplar do romance, folheou ao acaso e parou numa página marcada por uma anotação antiga, sua caligrafia adolescente ainda meio torta. Leu uma frase sublinhada e sentiu o mesmo arrepió de décadas atrás — aquele friozinho que não vem do enredo sozinho, mas do encontro entre texto e vida.

Percebeu, então, que a verdadeira “traição” talvez não estivesse na adaptação, mas na forma como, às vezes, nós mesmos abandonamos nossos livros pelo caminho, como quem esquece um amigo em outra cidade. A série, com todo o seu aparato de marketing e tendências, vinha, de algum modo, bater à porta e dizer: “Lembra disso? Ainda está aqui. Você ainda pode voltar”.

E é curioso pensar que uma história sobre uma família condenada a repetir destinos, cercada por guerras, paixões e solidões, encontre nova vida justamente numa época em que também nós parecemos presos a ciclos: crises políticas que se reciclam, promessas de progresso que dão em becos conhecidos, tecnologias que prometem conexão e nos entregam, frequentemente, uma solidão ruidosa, cheia de notificações.

No fundo, talvez seja essa a graça de ver Macondo na tela: constatar que não se trata apenas de um lugar distante, exótico, separado de nós por fronteiras e décadas. É, antes, uma versão concentrada de algo que carregamos por dentro —

essa mistura de memória e esquecimento, de desejo e fracasso, de esperança e fadiga. Ao trazer Cem Anos de Solidão para o reino do streaming, a Netflix não faz apenas um gesto de ousadia cultural; oferece, sem querer, um espelho incômodo em alta definição.

Antes de apagar a luz, ele deixou o livro na mesa de cabeceira. Pensou que, no dia seguinte, talvez relesse do início, sem pressa, como quem visita uma cidade que já conhece, mas onde sempre descobre um beco novo. A série teria seu lugar naquela memória — não como substituta, mas como nova experiência. Afinal, as grandes histórias são assim: sobrevivem às traduções, às modas, às plataformas. Mudam de roupa, de idioma, de formato, mas continuam sussurrando a mesma pergunta de sempre, bem baixinho, no ouvido de cada um:

“E você? Vai apenas assistir... ou também vai se deixar assombrar?”